

LEMBRANÇAS E ESQUECIMENTOS NO PROCESSO DE REMOÇÃO DA FAVELA DA PRAIA DO PINTO

Aluna: Luciana dos Santos
Orientadoras: Margarida de Souza Neves
Silvia Ilg

Introdução

A memória dos indivíduos e das coletividades é formada por lembranças e esquecimentos. Para aprofundar as memórias da favela da Praia do Pinto, este trabalho pretende operar com o conceito de lugares de memória, proposto por Pierre Nora [1] e procura pensar a favela da Praia do Pinto como um lugar de entrecruzamento entre lembranças e esquecimentos. É este entrecruzamento que fará dessa favela, nas suas dimensões física, simbólica e funcional, um lugar de memória de seus moradores, da questão das favelas no Rio de Janeiro e da própria cidade.

Parto do pressuposto que a erradicação dessa favela em 1969, iniciada através de uma política de remoção promovida pelo Estado e concluída por um incêndio, que muitos consideram como criminoso, é eloquente em relação às políticas públicas e as reações da sociedade do Rio de Janeiro da década de 1960 em relação aos moradores de favela.

Objetivos

1- Identificar o significado da favela da Praia do Pinto, situada às margens da Lagoa Rodrigo de Freitas, na cartografia social do Rio de Janeiro na década de 1960.
2- Analisar os registros fotográficos de três momentos da história da favela da Praia do Pinto:

- fotografias feitas antes da remoção;
- os registros fotográficos do incêndio de causas desconhecidas ocorrido em 1969, durante o governo Negrão de Lima;
- fotos relativas às políticas de remanejamento desses moradores após o incêndio, através da construção do Bairro São Sebastião – atualmente Cruzada São Sebastião – por iniciativa de Dom Helder Camara, que transferiu para o coração do bairro do Leblon os moradores afetados pelo incêndio.

3- Relacionar o caso desta favela com as políticas de remoção de favelas levadas a efeito na década de 1960.

Metodologia

A favela da Praia do Pinto situava-se em uma área nobre da Zona Sul do Rio de Janeiro, entre a Lagoa Rodrigo de Freitas e o bairro do Leblon, e fazia parte de um conjunto formado por três favelas, conhecidas como Cidade Maravilhosa, Largo da Memória e Praia do Pinto, sendo esta última a maior delas. Segundo o censo realizado em 1950, e dados da Fundação Leão XIII [2], nela viviam 7.142 habitantes.

O surgimento desta favela ocorreu principalmente com o início da construção do canal do Jardim de Alá, a partir da década de 1930, e a ampliação da linha de bondes da cidade do Rio de Janeiro em direção à freguesia da Gávea [3]. Seu crescimento está relacionado ao crescimento e à valorização imobiliária das áreas adjacentes à Lagoa Rodrigo de Freitas, que aumentou a oferta de empregos no setor de serviços. Seus moradores, para ficarem mais próximos aos seus locais de trabalho, lá se estabeleciam e faziam crescer cada vez mais a favela. O contínuo processo de valorização imobiliária na área vai evidenciar os conflitos de

interesses entre a favela e os bairros que a circundavam, onde uma população de alto poder aquisitivo se estabelecera.

A partir, da década de 1960, as políticas públicas em relação às favelas no Rio de Janeiro tinham como pressuposto a remoção dos moradores de favelas situadas nos bairros mais valorizados da cidade e sua realocação em outros espaços da cidade, por vezes muito distantes dos locais de trabalho da população favelada, com o objetivo de apagar a favela da cartografia física e simbólica da Zona Sul carioca.

À raiz do incêndio da favela da Praia do Pinto, Dom Helder Camara constrói o conjunto hoje conhecido como a Cruzada São Sebastião, que transfere para o coração de um bairro da alta burguesia do Rio de Janeiro a população que havia perdido seus barracos e pertences em um incêndio cuja origem nunca foi esclarecida e muitos consideraram criminoso, sobre cujos escombros viria a ser erguida uma série de edifícios altamente valorizados, e que a cidade conhece como Selva de Pedra.

O método de análise iconográfica das três séries de fotografias conservadas no acervo do Núcleo de Memória da PUC-Rio permite, no caso das fotos feitas antes do início da remoção, identificar o tipo de construção precária dos barracos; a ausência dos serviços básicos de saneamento e da presença do estado; e a presença da igreja católica, inclusive com fotos da visita feita pelo então Secretário de Estado da Santa Sé, Cardeal Montini – que viria a tornar-se mais tarde – em 21 de junho de 1963 – o papa Paulo VI.

No caso das fotos do incêndio de 1969 é possível destacar, a ausência do poder público, inclusive de bombeiros, policiais ou médicos. A maioria das fotografias é constituída de registros de pessoas que tentam recuperar algum objeto que tenha escapado do incêndio.

A série de fotografias da construção e inauguração da Cruzada São Sebastião em 29 de outubro de 1955, a mais numerosa das três séries, mostra sempre a figura de Dom Helder Camara com o um ar de tranquilidade, mas com gestos largos. Também é significativa a ausência de representantes do Estado nessas fotografias.

Conclusões

A análise das três séries fotográficas permite, pelo que registra (tipo de construções, incêndio, moradores, suas reações depois do incêndio, presença da igreja, construção da Cruzada, realocação dos moradores) e pelo que delas está ausente (a presença do Estado e os direitos de cidadania da população favelada), considerar a favela da Praia do Pinto pode ser considerada como um *lugar de memória* da trajetória biográfica de seus moradores, das favelas cariocas e das políticas públicas em relação à população favelada na década de 1960.

Referências

- 1 - NORA, Pierre “**Entre memória e história : a problemática dos lugares.**” IN Revista Projeto História. nº 10 História & Cultura. São Paulo, PUC-SP – Programa de Pós-Graduação em História, dezembro de 1993. Pp. 7 a 26.
- 2 - SLOB, Bart. **Do Barraco para o apartamento: A “humanização” e a “urbanização” de uma favela situada em bairro nobre do Rio de Janeiro.** Universidade de Leiden, Holanda: Departamento de Estudos Latinoamericanos. (Trabalho de Conclusão de Curso), 2000. 63 p.
- 3 - ABREU, Maurício de Almeida. **A evolução urbana no Rio de Janeiro.** 2ªed. Rio de Janeiro: IPLANRIO/ Zahar Editora, 1988. 505 p.
- 4 - Acervo documental do Núcleo de Memória da PUC-Rio.